

Raphael de Carvalho

**LUIZA**

**E MARÇAL.**

**DRAMA EM DOUS ACTOS**

**POR**

**JULIO CESAR LEAL.**



**1861**

**PARANAGUÁ.**

**TYPOGRAPHIA DO PARANA', LARGO DA CADEIA N. 25.**



15.843  
1969

Ilm. Sr. Director do Theatro Paranaguense.

Possuido de sinceros sentimentos de ver engrandecida a arte dramatica, e a apreciação das scenas nos actos na representação dos dramas, eu sou incansavel em envidar os meus limitadissimos esforços a bem dessa nossa escola dos tempos modernos que tem sabido fazer do theatro uma verdadeira sala de moral.

Sou o infimo de todos aquelles que têm concorrido com suas pennas de mestres a encher a bibliotheca dramatica: faltão-me luzes, estudo e tempo para dedicar-me, como desejo, á tão importante trabalho; mas, certo de que a complacencia e a bondade que vos caracterisão, saberão desculpar as faltas ou lacunas da minha composição, eu com alegria as submetto ás vossas considerações. Se vos agradar, eu serei feliz por vós e não por mim, porque terei alcançado o fim a que me propuz quando me deliberei a escrever; este fim vós o tereis comprehendido, é o de dar mais força á scena do Theatro Paranaguense.

O drama *Luiza e Marçal* é tirado de um romance francez e descripto pela escola moderna que é hoje a mais estimada de todos, não só pela variedade dos sentimentos que exprimem as personagens, mas tambem pela sua simplicidade no vestuario, familiaridade nas fallas e naturalidade nos actos, aproximando-se menos do tragico do que do jocoso.

Dai-me licença para me assignar cheio de honra

Vosso obediente servo

*Julio Cesar Leal.*

# Personagens.

Marquez de Basseterre. †  
Marqueza de dito. †  
Luiza, filha do marquez. †  
Visconde de Labretonais, primo de Luiza. †  
Marçal, secretario do marquez. †  
Leblon, mordomo do marquez. †  
Trabucos. -  
Dick-Chester. †  
Viuva Labrador, parteira. †  
José, criado do marquez. †

Criados e salteadores, etc.

As scenas passão-se em Paris em 1808.

Offerecida como signal de meu  
Eterno reconhecimento a S. B. J.  
Pelo insignificante socio R. C. de Carvalho

— 7 —

## ACTO I.

O theatro representa o interior de um gabinete superabundantemente ornado de luxo. Em cima de uma mesa redonda está posto um candieiro de uma luz vivissima. O marquez de Basseterre está sentado em uma cadeira de sôfa almofada lendo apurado um jornal; no lado opposto está assentada a marqueza, defronte do marido, com as mãos crusadas sobre os joelhos n'uma completa inaccção. Junto á mesa redonda do meio da casa, Luiza de Basseterre bordando com vivacidade; de um dos lados uma banca, tendo em cima um crucifixo.

### SCENA I.

MARQUEZ, MARQUEZA E LUIZA DE BASSETERRE. (O relógio bate 8 horas.)

MARQUEZ DE BASSETERRE, atirando zangado no chão o jornal. — Vai para o diabo! (Luiza estremece e deixa cair no chão o bordado.)

MARQUEZA. — O que é isso, amiguinho?!

MARQUEZ. — O que hade ser! Procuo de balde a explicação do logogripho do Mercurio ha trinta e cinco minutos! Eu! que a maior parte das vezes advinho logo á primeira vista enigmas e charadas, por mais complicadas que sejam! De mais, a gota apoquentame horriavelmente, e tenho a barriga a dar horas! Já lá vão as oito e o visconde de Labretonais sem apparecer! Sabe Deos quando jantaremos!... Aqui tens o que é amiguinha! Parece-te pouco? Não é para desesperar um santo? (Quando o marquez falla em Labretonais, Luiza torna-se pensativa.)

MARQUEZA, levantando-se e abanando-se

*com o leque.*—Ah! meu Deus! nunca vi um homem tão apoquentado como este! (*Batendo-lhe no hombro*). Descançai, amiguinho, que o Leblonde não tarda.

LUIZA.—Quereis que o vá chamar, meu pai?

MARQUEZ.—Não é preciso, minha filha, eu o chamarei (*Tira do bolço um apito e assopra. A marquezza passeia garbosa abanaddo-se, e Luiza apanha a almofada e continúa a bordar*)

LEBLOND, *entrando e fazendo um cumprimento de cabeça ao marquez.*—O Sr. marquez fez a honra de me chamar?

MARQUEZ.—Quero saber, se como te recomendei expressamente, viste temperar as perdzes chegadas de Borgonha ante-hontem? Bem sabes que as ultimas não estavam boas... e terei de despedir o cosinheiro se isto continuar... (*A marquezza apanha o jornal e chega-se para o candieiro*).

LEBLOND.—Tive a honra de executar as ordens do senhor... (*A marquezza lê*).

MARQUEZ, *atalhando Leblond e prestando attenção á leitura.*—Espeia!...

MARQUEZA, *lendo o logogripho:*

Junto á terceira—a primeira,  
De mim fazem ser—segunda;  
Seja a primeira—a terceira,  
Qu'eu exprimo—dôr profunda...

MARQUEZ, *dando um murro sobre a mesa.*—Com todos os diabos!... Nunca vi um logogripho tão difficil!

MARQUEZA.—O' marquez! não te parece que a significação do logogripho é o amor?

MARQUEZ.—Qual! senhora! Pois não vês que o amor tem duas syllabas? (*A marqueza continúa attenta para o jornal*).

MARQUEZ, *para Leblond*.—Dize lá o que fizeste?

LEBLOND.—Haverá umas quarenta e oito horas, que, olhando para o relógio, mandei rechear á minha vista as perdizes com tubaras soberbissimas. No momento de as metter no espêto, isto é, ha um quarto de hora, tiravão-se as primeiras tubaras e substituirão-se por outras fresquissimas, de modo que a carne deve ficar impregnada de dobrado aroma, e as tubaras interiores nada podem ter perdido do seu perfume. (*A marqueza larga o jornal e toma o braço de Luiza, que se levanta depois de ter largado a almofada: passeio fallando baixo*).

MARQUEZ, *logo que Leblond acaba de fallar*.—Bravo!... muito bem! Cuidaste tambem das entradas e dos passarinhos?

LEBLOND.—Religiosamente.

MARQUEZA.—Marquez, acabo de ouvir parar um carro, creio que será o nosso sobrinho.

MARQUEZ.—E' elle! Muito bom. Leblond, dize ao criado da mesa que ponha ao lado do meu talher uma garrafa de vinho do Porto, quebrado da friura, e dá ordem para que, quando o visconde aqui chegar, já se ache o jantar na mesa.

SCENA II.

OS MESMOS, E O VISCONDE RAUL DE LABRETONAIS.

CRIADO, *annunciando*.—O Sr. visconde Raul de Labretonais !

MARQUEZ, *para o criado*.—Põe o jantar na mesa.

VISCONDE DE LABRETONAIS, *entrando e fazendo cumprimentos*.—Bôã noite, meu tio... *beija a mão do marquez*. Minha tia ! Minha prima ! (*Luiza dá mostras de acanhada*).

MARQUEZA.—Trazei-nos muitas novidades, Sr. visconde ?

VISCONDE.—Não, minha tia, nenhuma !

MARQUEZ.—Por Deos ! meu caro Raul, já não estava contente..... demoraste-vos um pouco !

VISCONDE. — Perdão, meu tio ; forte razão obrigou-me a demorar-me mais do que devia. Ha meia hora que....

MARQUEZ, *interrompendo-o*.—Basta ! Basta, meu caro sobrinho : ide beijar a mão á vossa tia, e á vossa prima ; e dizei-me se lêste o Mercurio e advinhaste o enigma ?

VISCONDE. — Não, senhor, meu tio, não li. (*Chega-se á marqueza e beija-lhe a mão, vai para fazer o mesmo á Luiza, mas, mostra-se tremulo e confuso, e não faz mais que apertar-lhe a mão.*)

MARQUEZA.—Ora vamos lá, senhor vergo-

nhoso! Faça o favor de beijar a mão de sua prima. (*O visconde, confuso, toma a tremula mão de Luiza e beija-a.*)

SCENA III.

(*Os mesmos, e dous criados vestidos á libré; um delles tira o marquez da cadeira e o conduz pelo braço para a mesa do jantar. O visconde dá o braço á marquez e á Luiza e tomão todos assento na mesa.*)

MARQUEZ, *trinchando*.—Visconde, não passarás sem provar destas perdizes com tubaras, olha que estão soberbissimas!

VISCONDE, *recebendo o prato que lhe offerece o marquez*.—Provarei, meu tio, porém antes, permitti que offereça á minha prima....

LUIZA, *recebendo o prato com pudor*.—Obrigada, visconde. (*Servem-se todos dos pratos e começão a comer.*)

MARQUEZA.—Raul, o que nos contas do general Bounaparte depois da sua nomeação de primeiro consul?...

MARQUEZ, *acabando de beber vinho*.—Ah! é verdade! Grande estrondo tem feito o nosso principe pelas suas victorias na Italia e pelo tratado de Luneville, que tem feito da França e da Austria duas nações amigas....

VISCONDE.—E' um valente sobrinho, fadado pela mesma estrella do tio....

MARQUEZ, *pegando no copo*.—Uma saude! Visconde, une lá o teu copo ao de Luiza, quero

ver assumir em vossos rostos essa galhardia de uma juventude feliz; mostrai que sois os verdadeiros ramos das familias dos Basseterres e que sabeis vos amar tanto quanto pôde amar um primo a outra prima em quem considera uma sua noiva! (*Luiza sobressalta-se e mostra-se vexada.*)

VISCONDE, *para Luiza, depois de ter enchido os copos.*—Eu vos obdedeço, meu tio. Minha querida prima, fazei-me a honra de tocar o vosso copo no meu, que eu saberei rogar a Deos afirm de que se realizem as esperanças de vosso pai! (*Luiza, sem fallar, toca o copo.*)

MARQUEZA.—Nunca vi dous rapazes mais acanhados que estes!...

MARQUEZ.—Elles perderão o acanhamento...

#### SCENA IV.

OS MESMOS, E UM CRIADO.

(*O criado traz uma bandeija com chicaras de café, esbarra na mesa onde deve estar uma jarra grande, que cai no chão e faz-se em pedaços.*)

MARQUEZ, *virando-se e dando um grande salto na cadeira.*—Miseravel!.... O' lá, rapazes! agarrem esse velhaco e quebrem-lhe a cabeça de pauladas! (*O visconde, a marquezza e Luiza levantão-se sobressaltados, e aproximão-se do lugar onde está a jarra quebrada.*)

MARQUEZA, *pondo as mãos, com dôr.*—Quebrou-se a jarra de Luiz XIV! Oh! meu Deos! (*O visconde apanha todos os pedaços da jarra,*

*chega-se ao marquez, que está enraivecido, apresenta-os, e com elles um papel fechado em forma de carta.)*

MARQUEZ, *arreatadamente*.—O que é isto ?

VISCONDE.—Uma carta, meu tio. (*O criado retira-se e logo apoz elle a marqueza.*)

SCENA V.

OS MESMOS, MENOS A MARQUEZA E O CRIADO.

LUIZA, *tremula, olhando para a carta e avançando como se quizesse arrebatá-la.*—  
Ah! E' delle!

MARQUEZ. — Mas, d'onde vem?! Quem a trouxe?!

VISCONDE. — Não sei, encontrei-a no chão entre os fragmentos. Supponho que estava dentro da jarra estimadissima, cuja perda deploramos!

LUIZA.—Meu Deos!

MARQUEZ, *abrindo a carta e lendo.*—Doze!!

LUIZA, *sentando-se com desmaio.*—O' meu Deos, meu Deos! quem me dera morrer!

VISCONDE, *ouvindo Luiza e vendo-a desmaiar, correndo a segurá-la.*—Meu Deos o que é isto?! Minha tia, acudi! Luiza morre!

MARQUEZ, *com espanto extremo.*—Está tudo acabado! Morrêrão as esperanças da familia Basseterre!....

VISCONDE.—Meu tio, a menina vai melhor,

quereis que eu a leve para a varanda? Receberá um pouco de ar e ficará aos cuidados de minha tia.

MARQUEZ.—Sim, visconde levai-a. (*O visconde pega com cuidado em Luiza e sahe com ella.*)

SCENA VI.

O MARQUEZ, E DEPOIS MARÇAL.

MARQUEZ.—Numere doze! não entendo!... Também não admira, este sobscripto e numero estão talvez na jarra ha vinte annos!

MARÇAL, *entrando*.—O Sr. marquez dá licença?

MARQUEZ.—Ah! sois vós, Marçal!

MARÇAL.—Venho, Sr. marquez, para ter a honra de vos dar conta da commissão que tivestes a honra de incumbir-me...

MARQUEZ.—Amanhã fallaremos, meu amigo, estou hoje muito incommodado e doente, não posso tratar de negocios.....

MARÇAL.—Julgo, comtudo, Sr. marquez, que esta subita indisposição está passada, e é de esperar que não terá consequencias....

MARQUEZ.—Assim o creio, Marçal, e agradeço o interesse que tomais por mim...

MARÇAL.—E' mais que interesse, Sr. marquez, é o respeito, amizade, gratidão e reconhecimento que vos tributo, quem me faz fallar.

MARQUEZ.—Obrigado, Marçal...

O CRIADO, *entrando com uma carta dentro de uma salva de prata, e fazendo um cumprimento.*—Perdão, Sr. marquez; trago uma carta de Orleans, lacrada com um grande sinete d'armas!

MARQUEZ, *tomando a carta.*—De Orleans!... Ah! é da condessa! (*para Marçal*) Sentai-vos, Marçal. (*para o criado*) Pôdes te retirar. Vejamos o que me diz minha irmã. (*abre a carta e lê*):—« Meu querido Mano. Se quereis dizer neste mundo o derradeiro adeos á vossa velha irmã, vinde ver-me a toda a pressa; porque cahi de cama, e apezar do que me dizem, para me animar tenho a certeza de que já não sahirei della senão para me metter n'outra gelada e fria de que ninguem se levanta....

MARQUEZ, *parando a leitura e chorando.*—Pobre mana!.... (*Continuando*):—« Espero-vos, meu irmão: e no caso de que grandes inconvenientes vos impossibilitem de fazer de prompto esta jornada, rogo-vos o favor de enviar em vosso lugar a minha querida sobrinha, a quem deixo a totalidade de meus bens. Vossa irmã, « Arthemisa, » condessa de Basse-terre. »

MARQUEZ, *largando a carta.*—Minha irmã!... Marçal, não sabes a dôr que eu sinto!

MARÇAL.—E o que haveis de fazer agora, Sr. marquez?

MARQUEZ.—Obedecer a sua vontade, e mandar minha filha, visto que noã posso ir!....

MARÇAL.—A menina?

MARQUEZ.—Vai partir.

MARÇAL.—Hoje?!

MARQUEZ.—Sim. Partirá á meia noite afim de amanhecer naquellas estradas sombrias, que tanto asco me causão!

MARÇAL.—Sosinha?

MARQUEZ.—Não, com vosco, a quem a confio.

MARÇAL, *á parte*.—Estão completos os meus desejos! (*para o marquez*) E' uma honra que muito aprecio, Sr. marquez!

MARQUEZ, *tocando o assovio*.—Quero ver se Luiza está melhor, vou mandar chamal-a.

CRIADO, *entrando e cumprimentando o marquez*.—A's ordens....

MARQUEZ.—Minha filha, está melhor?

CRIADO.—Sim, senhor, já passeia na varanda.

MARQUEZ.—Pois vai-lhe dizer que eu preciso muito fallar-lhe. (*O criado cumprimenta e sahe.*)

#### SCENA VII.

OS MESMOS, E LUIZA.

LUIZA, *entrando, triste*.—Meu pai, estou ás vossas ordens... Mandastes me chamar? (*Marçal e Luiza cumprimentão-se çom a cabeça.*)

MARQUEZ.—Sim, para dizer-te que á meia-noite partirás para Orleans, afim de receberdes a ultima benção de tua tia moribunda!

LUIZA, *fazendo-se admirada*.—Como soubestes disto, meu pai?

MARQUEZ, *dando a carta á Luiza*.—Por esta carta: lêde (*Luiza corre a vista pela carta e dá signaes de admiração.*)

MARQUEZ.—Tendes lido? Eis aqui, minha filha, por que eu tenho razão em dizer que a desgraça começa a apparecer na familia dos Basseterres!

LUIZA.—Não falleis mais nisso, meu pai!

MARQUEZ.—Sim, sim, tendes razão! Dai-me o braço, começo a sentir signaes da gota, leva-me para meu quarto... Isto são 10 horas, vamos, eu te deitarei a minha benção... (*Para Marçal*) Marçal, manda apromptar os carros, e á hora marcada partirás com ella.

MARÇAL, *beijando a mão do marquez*.—Tendes algumas ordens a dar-me, Sr. marquez?

MARQUEZ, *sahindo*.—Não, nada. Lembrai-vos que a minha unica filha parte sob vossa guarda!

#### SCENA VIII.

MARÇAL, E DEPOIS TRABUCOS E DICK-CHESTER.

MARÇAL, *batendo palmas*.—Bravo! bravo! as cousas correm ás mil maravilhas! mais depressa do que eu pensei!... Mas..., com mil diabos! isto já é tarde! Querem ver que aquelles traíantes me deixarão só! (*Pucha por um assovio, chega-se á janella e o toca. Por essa janella immediatamente sobem Trabucos e Dick-Chester.*)

TRABUCOS, *entrando*.—Ah!... com mil milhões de diabos!... ainda bem que appareceste!

MARÇAL.—Tens alguma cousa importante a communicar-me?

TRABUCOS.—Olha! antes que tudo toca lá nos ossos do nosso amigo Dick-Chester!

MARÇAL, *apertando a mão de Dick-Chester*.—Faremos uma troca de amabilidade, trabucos, e como diz o proverbio, uma mão lava a outra e duas a cara!

TRABUCOS.—Pois falla tu primeiro!

MARÇAL.—Preciso de um postilhão, e tu me servirás para isso.

TRABUCOS.—Ha só uma difficuldade, não saber eu montar a cavallo!

MARÇAL.—Oh! diabo!

TRABUCOS.—Mas, olha que dou-te um que te servirá perfeitamente!

MARÇAL.—Quem é?

TRABUCOS, *pegando no braço de Dick-Chester*.—E' Dick-Chester, todo inteiro!

DICK-CHESTER.—Goddem! que já me parece que estou no carro! Hop! eh! hop!...

MARÇAL.—E confias neste homem?

TRABUCOS.—Tanto quanto em mim proprio. E' intelligente como um macaco, discreto como um papagaio, manso como um tigre, calado como um porco, diligente como uma preguiça, e além de todas estas virtudes, bebe como um funil!

MARÇAL.—Ah! ah! ah!... é dos nossos?....

TRABUCOS.—Admiravelmente!

MARÇAL, *apertando a mão dos dous.*—Bom! vá feito! adeos, meus amigos! (*Para Dick-Chester*) A' meia noite bons cavallos, silencio e estrada de Chareton! (*Dick-Chester abaixa a cabeça afirmativamente.*)

TRABUCOS.—Adeos, fabuloso!... sê feliz! (*Sahem pela mesma janella por onde entrarão*)

### SCENA IX.

MARÇAL, E DEPOIS LUIZA.

MARÇAL.—Miseraveis! que aspirais a felicidade quando habitais no lôdo! Vamos, Marçal, Thiago, Fabuloso, Regulus, ou como me queirão chamar! já que todos estes nomes me pertencem! coragem! O criado do verdadeiro Marçal tornou-se amo: representei um brilhante papel nos clubs e nos tumultos de Paris, vendi mais de um aristocrata á democracia de 1793, fiz voar pelos ares os miolos de meu amo, do grande Marçal de Preaulx, por quem fui tomado pelo marquez de Basseterre e feito o seu secretario e seu amigo; amei sua filha, não posso unir-me a ella, receio que se descubra no futuro quem eu sou!... Agora o que me resta fazer?... dar o ultimo passo, roubal-a e com ella os cofres do pai!... Vamos... (*Tira do bolço uma chave, abre uma porta, demora-se pouco e volta com tres pequenas bolças cheias.*) Duzentos mil francos!... Eis a minha felicidade!... (*Mette-as no bolço.*)

**QUADRO I.**

LUIZA, *entrando*.—Marçal!

MARÇAL, *como querendo abraçar-a*.—Minha querida Luiza!

LUIZA, *fugindo-lhe, e assentando-se*.—Assentai-vos, Marçal, prestai-me atenção.

MARÇAL, *sentando-se*.—Ouço e espero.

LUIZA.—Ainda desta vez me sujeito á vossa vontade, Marçal; venho aqui, porém isso faço porque necessitava fallar-vos!... fallar-vos de cousas graves e solemnes perante Deus que nos ouve, ante Christo que nos vê, e que hoje não está coberto! (*Luiza aponta para o crucifixo.*)

MARÇAL.—As vossas palavras assustão-me e fazem-me temer alguma desgraça! Mas, na verdade! não posso comprehendel-as!

LUIZA, *encolhendo os hombros com desdem*.—Não posso, não quero, nem devo soffrer por mais tempo a existencia que me preparastes. Isto não é viver, Marçal, é morrer, mas com uma morte horrivel!... E' morrer a todas as horas, a todos os minutos, a todos os segundos!

MARÇAL, *querendo tomar-lhe as mãos, que ella foge*.—Luiza!...

LUIZA, *interrompendo-o*.—Deixai-me fallar, Marçal! Supplico-vos que não me interrompais! depois respondereis se quizerdes ou perderdes!

MARÇAL, *crusando os braços e curvando a cabeça.*—Fallai, Luiza!

LUIZA. — Quando aqui chegastes vivia eu feliz!... Dizei-me agora, o que fizestes da minha felicidade?

MARÇAL.—Luiza!!...

LUIZA.—Oh! nada receeis... Fallo-vos sem azedume... sem colera! Não são arguições que ides ouvir da minha boca. Quero sómente apresentar a vossos olhos as paginas da minha vida, nas quaes desgraçadamente figurais de uma maneira para mim tão fatal! Chegastes a esta casa, Marçal, tinheis partilhado os perigos de meu pai! Ereis o ultimo descendente de uma nobre familia....

MARÇAL, *sobresaltando-se, á parte.*—Assim tu crês!...

LUIZA, *continuando.*—A vossa alma estava profundamente ulcerada, a vossa tristeza era acerba e legitima... Compreendi as vossas dôres, advinhei as vossas feridas; e no coração me nasceu aquella piedade sympathica que me inspirão todos aquelles que padecem e soffrem!... Foi então, Marçal, que me amastes, ou pelo menos foi então que o dissestes!.... Foi então que no vosso pensamento formastes este projecto infame de pagar a hospitalidade do pai com a seducção da filha!!...

MARÇAL, *levantando-se com colera.*—Luiza! Luiza!...

LUIZA.—Sentai-vos! descançai! Não julgueis

que fallando assim procuro humilhar-vos! Não!... (*Marçal senta-se*) Que fizestes da honra de meu pai? Que fizestes da vossa? Todos os meios que podem pôr-se em pratica para transformar em amor a compaixão de uma donzella, vós os empregastes! Não é assim, Marçal? Quantas vezes vos lançastes á meus pés, chorando e appellando para a morte se eu não quizesse amar-vos?! E com tudo! não era o amor que pedieis, era a minha honra! o meu opprobrio! a minha vergonha! Vós não me amaveis!... não se deshonra aquella que se ama!!...

MARÇAL, *commovido e com dôr*.—Luiza!... por Deos! acabai!...

LUIZA, *continuando*.—E as vossas lagrimas, os vossos rogos commoverão-me o coração, abalarão-me a alma, confundirão-me os pensamentos! Tornastes-me louca!... Sim, louca! porque tudo de mim conseguistes! E desde aquelle momento terrivel, em que me pareceu acordar de um sonho febril e ter tido uma visão sinistra, meu Deus! desde então quanto tenho padecido!...

MARÇAL.—Luiza! pelo amor de Deos! não prosigais!...

LUIZA.—Não, Marçal, aproxima-se a hora do vosso triumpho, e portanto deixai-me fallar! Hontem não esperei que escrevesseis um bilhete, e ha pouco quando se quebrou a jarra em que o occultastes, pareceu-me que a vida me fugia! O mais espantoso martyrio é por certo menos horrivel que o tormento que sof-

fri!... Inda isso não é tudo! trago nas entradas, como sabeis, uma prova viva da minha deshonra!... Muito breve a minha vergonha será visível, e então, amaldiçoada e expulsa do tecto paterno! E, com tudo, quando peço que vos lanceis aos pés de meu pai, que me ama, e lhe confesseis tudo, pedindo-me para vossa esposa, respondeis friamente:—Ainda não é tempo! (*Levantando-se*) E' isso verdade, Marçal?

MARÇAL, *levantando-se*.—Sim, é verdade.

LUIZA.—E não vos commove o que acabo de dizer-vos?

MARÇAL.—São palavras loucas!

LUIZA.—Então partis sempre sem fallar a meu pai?

MARÇAL.—Sim, parto!

LUIZA, *em supplica*.—Marçal!...

MARÇAL.—Luiza!...

LUIZA.—Pois bem! Não partirei com tigo! Fallarei amanhã a meu pai e contar-lhe-hei tudo!

MARÇAL, *tirando do bolço uma pistola*.— Neste caso, a hora em que o fizerdes vosso filho já não terá pai, porque esta arma terá posto fim a meus dias!

LUIZA.—Matar-vos! antes que confessar a nossa falta!... Mórter antes que reparal-a!... Ah! meu Deos! eu enlouqueço!... (*Com sobre-salto*.) Marçal! acaso sereis casado!?

MARÇAL, *irado*.—Luiza!... Uma tal suposição!...

LUIZA, *ajoelhando-se aos pés de Marçal*.—Insultei-vos involuntariamente! perdoai-me! perdoai-me! Perco a razão, enlouqueço!... Marçal, se me tendes amor, compadecei-vos de mim!...

MARÇAL, *levantando Luiza e beijando-a na testa*.—Animo, Luiza! Estou tratando de destruir os obstáculos que tornão impossivel o nosso enlace em breve; mas, bem depressa acharei no meu profundo amor o segredo de convencer teu pai.

LUIZA.—Jurai-me pela alma de vossa mãe, que executareis a vossa promessa?...

MARÇAL.—Pela alma de minha mãe eu vol-o juro! (*Um relógio bate meia-noite: acabando de contar as horas.*) Meia-noite!... Parte, Luiza! O carro te espera no pateo... parte... Em breve estarei com tigo!...

LUIZA, *sahindo*.—Eu vos obedeco, Marçal!... Ah! meu Deus! tendes compaixão de mim!!

#### SCENA X.

MARÇAL E CINCO SALTEADORES.

(*Marçal corre à janella, dá um assovio e por ella entrão os salteadores. Marçal dá um tiro de pistola, galga a janella para sahir, e voltando-se para os salteadores. — Camaradas! cumpri o vosso dever! (Os salteadores fazem grande estrondo e gritão:—Ladrão! acudão! e pouco a pouco vão se retirando.*

SCENA XI.

MARQUEZ DE BASSETERRE E CRIADOS ARMADOS.

MARQUEZ, *sostido por um dos criados*.—Elles já não estão aqui!!... E' meia-noite! partirão! Os ladrões acharão só o gabinete, e... roubarão-me!!... Ah! meu Deus!... Ainda desta vez a desgraça para a familia dos Basseterres!...

CAHE O PANNÓ.

**Fim do primeiro acto e do  
primeiro quadro.**

## ACTO II.

O theatro representa o interior de uma sala de casa de pasto, uma porta de cada lado, e na frente, defronte da boca do scenario, uma outra maior que dá entrada para uma alcova; ao alto della lê-se o seguinte le-treiro:—Viuva Labrador, parteira, assiste a partos, recebe pensionistas, ajusta o tratamento com anteceden-cia, paga adiantada. Tambem aprompta jantares com todo o asseio.

### SCENA I.

VIUVA LABRADOR, MARÇAL E LUIZA.

*(Ouve-se bater na porta.)*

LABRADOR.—Quem está ahi?

MARÇAL.—Eu Regulus!

LABRADOR.—Sois a pessoa a quem a viuva Labrador espera?

MARÇAL.—Sim, já deveis estar prevenida da minha vinda.

LABRADOR.—Vindes só?

MARÇAL.—Arre! com todos os diabos! Não, trago uma senhora!

LABRADOR, *abrindo a porta.*—Podeis entrar, Sr. Regulus.

MARÇAL, *entrando com Luiza, pallida e meio desmaiada, amparada pelo seu braço.*—Até que!... por minha fé!... sou bem feliz!...

LABRADOR.—Sois vós, Sr. Regulus! esperava-vos ha mais tempo, visto o que no outro dia me tinheis dito.

MARÇAL, *fazendo sentar-se Luiza n'um camapé.*—Descançai, minha querida. (*Para Labrador*) Não perdi um minuto! (*Luiza encosta-se, angustiada, a um dos braços do camapé.*)

LABRADOR.—Com que, é esta a minha pensionista?

MARÇAL, *sentando-se.*—Sim, e apressai-vos em tomar conta della!

LABRADOR.—Muito bem, faço-vos os meus cumprimentos! E' linda! Ora isto!... mas ella já sofre as primeiras dores, está n'um completo desmaio!

MARÇAL.—Se soffre! pelo menos assim o acredito! Eu temia que não podessemos chegar a tempo....

LABRADOR, *rindo-se.*—A situação havia de ser incommoda, um parto de carruagem! é raro e pouco commodo! (*Ao findar estas palavras toma o pulso de Luiza*) Ah! ah! isto se approxima! a ultima crise está a chegar!

MARÇAL, *levantando-se e dirigindo-se para Luiza.*—O que fazes?

LABRADOR, *levantando Luiza desmaiada.*—Levar esta menina para o quarto que lhe destino... ajudai-me. Meu Deus! os homens são tão pouco geitosos!... (*Conduzem Luiza para o quarto da alcova, cuja porta deve estar em frente á boca do scenario.*)

## SCENA II.

LABRADOR E MARÇAL.

LABRADOR, *sahindo do quarto, segurando na*

*manga da casaca de Marçal e endireitando-se nos bicos dos sapatos.*—Vamos a isto!... ainda não tratamos da cousa mais importante!

MARÇAL.—Que quereis dizer?

LABRADOR.—Não advinhais?

MARÇAL.—Nãc!

LABRADOR.—Pois então, como é necessario fallar com vosco pondo todos os pontos nos i i i, fallemos claro:—A criança hade viver?...

MARÇAL, *dando um salto e fixando um olhar terrivel para Labrador.*—Se a criança hade viver?!... certamente! assim o acredito!...

LABRADOR, *fazendo por tapar a boca de Marçal.*—Mas, não falleis tão alto! fallai mais baixo!... Nestas cousas não se falla a gritar!... Lembrai-vos que não estamos sós em casa!...

MARÇAL.—E vós, senhora, sabeis que vos faço responsavel pela vida da criança, e que me respondereis por ella com a vossa! Assim que nacer já sabeis o destino que lhe haveis dar...

LABRADOR.—E, Jesus!... valha-me Deos!... Pois sirvo, sim!... A proposito, não vos esquestes do que convencionamos outro dia?

MARÇAL.—Acêrca de pagamento?

LABRADOR.—E' verdade. Eu tenho toda a confiança em vós, mas, deveis saber o proverbio:—Val mais um toma lá, que dous eu te darei... eim?...

MARÇAL, *tirando do bolso algumas moedas.*  
—E' muito justo; eis aqui o ajustado.

LABRADOR, *recebendo.*—Ora Deos lhe realise os seus desejos... *Ouve-se um gemido*)  
Eil-a! chegou o momento!... Ficai aqui, Sr. Regulus, lá dentro só me servireis de empecilho!... *(Entra no quarto onde está Luiza.)*

### SCENA III.

MARÇAL E DEPOIS LABRADOR.

MARÇAL.—Finalmente vão se terminar os meus receios! Arre! já era tempo! Cada vez que eu via aquella menina com a pansa á boca tremião-me as pernas a não me puder suster! O que me valeu, porém, foi a boa fé da mãe e a inexperiencia do velho marido, que mais facilmente acreditaria em fallar um porco que na deshonra da filha! Infeliz velho!... Não posso desconhecer que paguei-lhe mal os repetidos beneficios que me fez!... Mas que importa!? não recahe a culpa toda sobre mim! Devia elle acreditar nas minhas palavras? Não podia eu ser, como sou, um impostor! um embusteiro ou um malvado!? Que documentos apresentei eu que lhe provassem a minha nobre descendencia!? Porque me deu tanta franqueza em sua casa como se eu fosse por ventura um de seus filhos!? E' este um esboço de que poderia lançar mão um moralista para censurar aquelles que procedem como o marquez de Basseterre!... que teve de chorar a victima da sua leviandade no mais caro objecto do seu coração!... em sua filha!!...

LABRADOR, *sahindo do quarto*.—E' um rapaz!... A mãe e o filho estão salvos!...

MARÇAL, *com alegria*.—Bom! ide dar á Luiza os meus parabens!... E a criança, Labrador, que seja tirada immediatamente!

LABRADOR, *retirando-se para o quarto de Luiza*.—Com muito gosto, Sr. Regulus!...

SCENA IV.

MARÇAL E JOSÉ.

JOSÉ, *entrando por uma das portas do lado*.—Até que, finalmente, sois vós!!...

MARÇAL, *com grande espanto*.—José!!!.... Ah!... sim, mais vale tarde do que nunca, não é verdade?

JOSÉ, *sem dar attenção, apoderando-se do pulso de Marçal, que forceja por livrar-se*.—Finalmente, sois vós!... e visto que estais aqui é necessario que eu saiba tudo o que se passa.

MARÇAL.—Estou aqui para vos dizer o que pretendeis; mas..., com os diabos!... deixai-me, José!... fazeis-me doer...

JOSÉ, *gritando*.—Onde está a minha menina?...

MARÇAL.—Deixai-me o pulso, e então sabereis...

JOSÉ, *soltando o pulso de Marçal*.—Pois bem! fallai! já vos não seguro!...

MARÇAL, *assoprando e olhando os pulsos*.—

Luiza está aqui perto, está em vossas mãos vel-a amanhã.

JOSÉ.—O que é necessario fazer?

MARÇAL.—Obedecer-me!

JOSÉ.—Ordenai!

MARÇAL, *sentando-se*.—E' o que vou fazer; mas é necessario que me escuteis antes disto, José, são indispensaveis algumas explicações preliminares...

JOSÉ, *sentando-se*.—Eu vos escuto.

MARÇAL.—E' necessario que saibas que ha quasi um anno sou o amante feliz da menina de Basseterre...

JOSÉ, *levantando-se irado*.—E' falso!... é falso!!...

MARÇAL, *levantando-se, com sangue-frio*.—E' tão pouco falso, que sahi da casa de teu amo para a trazer aqui neste hotel, onde ella acaba de dar á luz um menino!

JOSÉ.—Ah! pois isso é assim!... e tu vens dizer-m'o! a mim!... E vens gabar-te de ter manchado, cobarde e traiçoeiramente, essa flôr de belleza e de innocencia! essa branca e pura menina que eu embalei em meus braços! Ah! miseravel!... miseravel!... quem me dera uma navalha! Matar-te-hia como quem mata uma serpente!

MARÇAL.—Quereis ter a bondade de me ouvir, JOSÉ?

JOSÉ.—Ouvir-te! E que me podes dizer depois do que ouvi?

MARÇAL.—Posso dizer-vos que o que vós chamais infamia é uma cousa muito natural... Luiza e eu amamo-nos reciprocamente!

JOSÉ.—Dizei antes que te apoderaste della por meio do crime!... pela violencia!...

MARÇAL.—Isto como vos agradar, José; não discutirei com vosco palavras, amor ou crime, o resultado foi o mesmo! Luiza é mãe!... mas a sua falta pôde reparar-se....

JOSÉ.—Reparar-se!?!... Como?!

MARÇAL.—Um casamento....

JOSÉ.—Com tigo?!

MARÇAL.—Pois com quem?

JOSÉ.—O' lá!... desde quando casão os criados com as filhas dos amos?!...

MARÇAL, *com furor*.—José, toma cuidado!... Eu não sou criado de vosso amo, e ainda que pobre, a minha nobreza vale tanto como a sua!

JOSÉ.—Tu nobre!... tu nobre!!... Tu não podes deixar de ser filho do lacaio de tua mãe! (*Marçal, irado, fixa as vistas em José.*) Não! tu não és nobre!... Tu, que deshonras a filha do teu bemfeitor, não és nobre! Tu, que enxovalhas a casa que te abriga, que queres mudar em veneno para teus bemfeitores o pão que te dão! o pão que dividem contigo! não és, não podes ser nobre! porque és cobarde!... E eu, eu que não sou mais que um pobre criado, desprezo-te e escarro-te na cara! Cobarde e miseravel que tu és!!...

MARÇAL, *mostrando sangue frio*.—Tudo isto é muito bonito, mas é necessario acabar com isto, é preciso tratar de nos entendermos.

JOSÉ.—Entendermos ?!

MARÇAL.—Sim.

JOSÉ.—Eu e tu ?!

MARÇAL.—Pois que duvida ?!

JOSÉ.—Nunca !

MARÇAL.—E' no que vos enganais... e ides vel-o!...

JOSÉ, *à parte*.—Que nova mentira, que nova infamia vai elle inventar ?!

MARÇAL.—Basta já! Fazei o favor de ouvir sem me insultar nem me interromper, quando não vou mandar-vos açoutar ! Repito-vos que é necessario que nos entendamos ! assim o exige o interesse de Luiza ! Vós e eu somos ao presente os unicos depositarios do segredo da sua fraqueza, é necessario, é indispensavel que guardéis este segredo !

JOSÉ.—E' o que não farei ! E' o que não quero fazer ! Logo que me veja livre direi a vossa infamia ao Sr. marquez, e elle vos tratará como devem tratar-se as pessoas da vossa especie !

MARÇAL.—Estais louco, José ! não vêdes que fazendo o que dizeis perdeis a menina de Basseterre !? Eu serei expulso do palacio, é verdade, mas Luiza fica deshonrada e perdida para sempre !... Se, pelo contrario, vos calais, o

marquez deixar-se-ha tocar, e o casamento apagará a falta. Já vêdes que não podeis fallar!

JOSÉ.—Pelo contrario, heide fallar, porque ser vossa mulher seria para Luiza a peor das vergonhas, a maior das infelicidades!... Fallarei!...

MARÇAL.—E' a vossa ultima decisão?

JOSÉ.—Ultima e irrevogavel!

MARÇAL, *corre a uma das portas dos lados e grita.*—Trabucos! Dick-Chester!

JOSÉ.—Ah! ah! ah! o que quereis vós, Sr. Marçal?!...

SCENA V.

OS MESMOS, TRABUCOS E DICK-CHESTER, *que fica na porta.*

TRABUCOS.—Que é lá! Fabuloso!?

MARÇAL.—Trabucos, José está muito fôra de proposito! creio que perdeu a razão!...

JOSÉ, *á parte.*—Ah! infames! salteadores!

TRABUCOS.—Sim?! Lá isto fica por sua conta... tanto peor para elle!

MARÇAL.—E somos obrigados a tomar uma resolução horrivel!... bem horrivel!... (*José encara-os com horror.*)

TRABUCOS.—Vâmos a ella! dize!....

MARÇAL.—Levai-o já daqui!...

TRABUCOS, *puxando de uma navalha.*—Pois então...

JOSÉ.—Miseravel!...

MARÇAL.—Não quero isso! Nada de sangue, meus amigos, algumas pedras e um pouco de cal e arêa é tudo quanto é necessario! levai-o!  
(*Trabucos, ajudado de Dick-Chester, agarrão José, que resiste, e o levão para fóra da scena.*)

SCENA VI.

(*Ouve-se altas vozes no quarto da frente.*)

MARÇAL, *escutando*.—E' ella! falla no filho! sentiu a sua falta!... Ah! pobre mãe!... A par-teira já o terá levado... Ella grita!... Parece que se approximão desta sala!... Meu Deos! não terei animo de fallar-lhe!... (*Retira-se para um dos quartos dos lados.*)

SCENA VII.

LUIZA E A VIUVA LABRADOR.

LABRADOR, *querendo suster Luiza*.—O que é isto, minha senhora! que quereis?! Para que gritais deste modo?! Quereis acaso acordar todos quantos aqui dormem?!

LUIZA.—O meu filho?!... O meu filho?!... Dai-me o meu filho?!... Oh!... por Deus!... dai-m'o!...

LABRADOR.—Não vol-o posso dar, Senhora.

LUIZA, *afflicta*.—Porque!?

LABRADOR.—Não o tenho cá!

LUIZA.—Que lhe fizestes então?! Oh! que lhe fizestes?!

LABRADOR.—Eu, nada!

LUIZA.—Então... quem?!

LABRADOR.—Foi o Sr. Regulus que o levou.

LUIZA.—O Sr. Regulus!!... Ah! meu filho!!  
(*Desmaiia nos braços de labrador*).

LABRADOR.—Infeliz menina!... Creio que lhe tenho feito um grande beneficio! A esta hora seu pai já saberá de tudo!... Ah! salteador infame! treme! treme da tua desgraça!...  
(*Leva Luiza desmaiada para o mesmo quarto donde sahirão*).

## QUADRO II.

### SCENA VIII.

#### MARÇAL E CRIADOS.

(*Os criados entram trazendo uma mesa, que põem no meio da sala e cobrem-n'a com uma toalha; voltão para dentro e successivamente enchem-n'a de pratos e garrafas*).

MARÇAL, *entrando*.—Ora, graças a Deos!

CRIADO, *para Marçal*. — O Sr. Trabucos manda dizer que precisa fallar a V. S.

MARÇAL.—Trabucos!... Que entre! (*Os criados retirão-se, porém voltão de quando em quando servindo a mesa*).

MARÇAL, *só*.—Oh! se eu acreditasse em Deos acreditaria que elle me punia! Toquei ao porto... cheguei... lancei ancora... e eis que os rochedos se levantão ante mim! Oh!... estes homens!... Estou em seu poder! pertencelhes! Podem perder-me... e perder-me-hão! Sim, perder-me-hão até sem o querer fazer...

Não basta uma palavra, uma só pronunciada no meio d'uma bebedeira, para desvanecerem os meus sonhos do futuro e ferrarem comigo na grilheta? E eu que estou preso nesta cadeia! Como heide eu quebral-a? Que fazer? Que resolver?...

SCENA IX.

MARÇAL E TRABUCOS.

TRABUCOS, *entrando*.—Está tudo alinhavado, meu Fabuloso! Creio que o tratante não poderá levantar oito pedras de vinte arrobas cada uma, estando a duas braças de fundo?!

MARÇAL.—Por certo.

TRABUCOS.—Oh! Fabuloso, senta-te aqui (*chega-lhe uma cadeira*), conversemos um pouco... (*Marçal senta-se pensativo.*) Não é de hoje nem de hontem que nos conhecemos, meu caro, e, se te recordares bem, has de te lembrar que em tempos menos felizes bifamos juntos, e com bastante destreza, por minha honra, alguns relógios e lenços de seda, eim? (*Marçal faz com a cabeça um signal affirmativo*). Ora, agora, porém, as cousas mudão de figura! A tua posição é brilhante, virás, mais dias menos dias, a ser, por meio do teu casamento, um dos primeiros capitalistas de Paris. Melhor para ti, e também para nós porque vamos aproveitar o bom caminho em que estais; eu, que sou o teu verdadeiro amigo, e Dick-Chester, que tomei sob a minha valiosa protecção, desejamos relirar-nos dos negocios ladroeiros, e podemos fazel-o graças a ti!...

MARÇAL.—Não comprehendo!

TRABUCOS.— Oh! se comprehendes! comprehendes maravilhosamente! Eu me explico; tu vais estabelecer á cada um de nós uma mesada que nos permitta viver na occiosidade, como logistas aposentados, divertindo-nos com o bilhar e o dominó, offerecendo e aceitando um bom jantar acompanhado do champagne e das competentes madamas!

MARÇAL.—E' só isso?!

TRABUCOS.— Pouco mais ou menos...

MARÇAL.— Quereis dinheiro?

TRABUCOS.— Se quero!...

MARÇAL.— Não o tenho.

TRABUCOS.— Procura-o.

MARÇAL.— Onde?

TRABUCOS.— Isto é contigo, não é comigo...

MARÇAL, *levantando-se, e com elle Trabucos.*  
— E se o não achar?

TRABUCOS.— Mudará a these!

MARÇAL.— Como?

TRABUCOS.— Pedindo á tua futura, á menina de Basseterre...

MARÇAL.— E se ella não tiver mais do que eu?

TRABUCOS.— Mudamos de rumo, pedimos ao marquez, porque esse tem-n'o com certeza.

MARÇAL.— Estais decididos a fazer o que dizeis?

TRABUCOS.—O! se estamos!

MARÇAL.—Então, estai de caso pensado, decididos, por uma miseravel quantia, a perder uma linda senhora, e a deshonral-a aos olhos de seu pai!

TRABUCOS.—Ora! essa lá é boa! Então queres dizer que prezas mais os olhos do marquez do que os teus? Não a deshonraste tu ante os teus proprios olhos? (*Cantando*).

Malbrouk s'en va t'en guerre,  
Mironton, ton, ton, mironton,  
Malbrouk s'en va t'en guerre,  
On n'sait quand il r'iviendra!

MARÇAL.—Sereis tão deshumano?!

TRABUCOS.—E tu? Ora acabemos com isso! viemos como amigos propor-te a cousa mais consentanea do mundo inteiro; vê lá o que queres, que nos retiremos como amigos ou como inimigos! (*Dick-Chester vem entrando*).

#### SCENA X.

OS MESMOS, E DICK-CHESTER.

TRABUCOS, *para Dick-Chester*.—Não é assim, amigo Dick-Chester?

DICK-CHESTER.—Sem tirar nem pôr...

MARÇAL.—Pois bem, meus amigos, a mesa está posta! Vamos comer e beber, que eu vos prometto que não haveis de ir descontentes comigo.... Por minha honra! viestes como amigos, ireis como taes! Não se dirá que o meu fiel amigo Trabucos contou de balde com o seu antigo camarada Fabuloso.

DICK-CHESTER.—Olha!... olha!... Goddem!  
como o vento mudou!

TRABUCOS.—Já nós lá vamos.

MARÇAL, *rindo-se*. — Por Deos, se vamos!  
assim o acredito! A principio estava resolvido  
a recusar, mas tendes tal maneira de propor  
negocios, que não pôdeum homem esquivar-se.

TRABUCOS.—O' lá! este methodo é talvez um  
tanto aspero, mas has de convir que é bom!...

MARÇAL.—Ah! fazei-me justiça, ficai certos  
que não erão necessarias ameaças para o cum-  
prir, e que o teria feito livremente e de boa  
vontade!

DICK-CHESTER.—O' lá, amigos! deixemos de  
rasgar as sedas, vamos para a mesa! Goddem!  
Olha, Trabucos! vê que bella garrafa nos es-  
pera!

MARÇAL.—Vamos, meus amigos, encheremos  
a pansa e conversaremos á mesa! (*Senta-se  
com Dick-Chester. A' parte.*) Vamos á obra!  
(*Pega n'uma das garrafas que está sobre a  
mesa, abre-a e deita-lhe dentro de um liquido  
que tira de um pequeno frasco.*)

TRABUCOS.—Caspite! Luculos cêa em casa  
de Luculos! Estou contente cômigo, Fabuloso!  
Tens tudo bem arranjado e com franqueza! A  
tua recepção gastrônômica faz esquecer a do  
pecunio, eim?...

MARÇAL, *sentando-se*. — Isto não é nada,  
meus amigos! Quando eu puder chamar mi-  
nha casa ao palacio de Basseterre, então ve-  
reis o que são recepções!

TRABUCOS, *servindo-se de um prato.*—Não fallemos nisso que faz crescer agua na boca.

DICK-CHESTER.—Ora deixa-te lá de aguas na boca! Goddem! vamos ao que importa, as boas contas tornão a amizade duradoura! (*Para Marçal.*) Tens ahi nosso dinheiro?

MARÇAL.—Tenho.

TRABUCOS.—Da-o cá!... Logo quando estivessemos borrachos talvez nos esquecesse pedir-o!

MARÇAL, *deitando sobre a mesa um punhado de moedas.*—Veção se ahi está a conta? (*Trabucos e Dick-Chester apanhão o dinheiro com anciedade. Enchem logo os copos e bebem de um só trago. Marçal tira de outra garrafa.*)

TRABUCOS, *enchendo segundo copo.*—A' saude das tuas altas cavallarias, Fabuloso!

DICK-CHESTER.—Heep! heep! heep! Urray!

MARÇAL, *bebendo.*—Viva! obrigado, camaradas!

DICK-CHESTER, *batendo com os pés na cadeira como se estivesse montado a cavallo.*—Hop! eh! hop! Hamlet! hop! my dear! hop! eh! hop!...

TRABUCOS, *bebendo e cantando* :—

Ca ira, ça ira, ça ira, les aristocrat's á lá lanterne?  
Ca ira, ça ira, ça ira, les aristocrat's on le viendra!

DICK-CHESTER.—Goddem! Geev mee water!

TRABUCOS, *levantando-se e tropicando como se estivesse muito embriagado.*—O' Fabuloso! amigo Fabuloso! Fabuloso amigo! dá-me de beber, tenho sede!...

DICK-CHESTER, *levantando-se tropico*.—Tambem eu!... O' Fabuloso... dá-me agua!...

MARÇAL.—Pois vocês ainda tem sêde?!

TRABUCOS e DICK-CHESTER.—De matar!

MARÇAL, *dando de outra garrafa já temperada*.—Pois então bebereis, amigos, e será cousinha escolhida...

TRABUCOS e DICK-CHESTER.—Viva o Fabuloso!... Peço a palavra!... Meus senhores! o Fabuloso tem merecido as homenagens da patria!... Peço para elle as honras da sessão! e concedo-lh'as por unanimidade!... (*Marçal, fingindo-se embriagado, tira da mesa uma garrafa já aberta, que tempera com rapidez*).

TRABUCOS, *quasi caindo*.—Que é isto?

MARÇAL.—Vinho do Reno...

DICK-CHESTER, *trazendo um copo*.—Vira lá! enche-me bem este copo, eim?... (*Marçal enche-o.*)

TRABUCOS.—Não o conheço... que nome... mas não tem duvida, vou tratar de obter a honra da sua intima amizade... Tu dizes que é bom... eim?...

MARÇAL.—Depois deste fogo de nectar só ha o de S. João...

TRABUCOS, *dando o copo*.—Então enche o copo, anda... despacha-te!...

MARÇAL, *dando a garrafa a Trabucos*.—Enche tu... vejo muitas luzinhas!

DICK-CHESTER, *sem ter bebido o vinho.*—Olha! Goddem! está bebedo!... Viva a republica! uma e indivisivel! Liberdade! Igualdade!... Fraternidade ou morte.

TRABUCOS.—Viva!... Fabuloso, pega, bebe, escorropichemos ao teu casamente!... (*Marçal recebe, porém não bebe. Dick-Chester dá tres voltas com desespero no tablado, e cahe. Trabucos, agarrando Marçal pela garganta.*—E' veneno! não é verdade!?)

MARÇAL.—Não!... não é!

TRABUCOS.—Então, jurai-o!

MARÇAL.—Sim...

TRABUCOS.—Então, pega no copo e bebe!

MARÇAL.—Nunca!

TRABUCOS.—Então, é veneno?! Confessas?!

MARÇAL.—Não!

TRABUCOS.—Pois então, bebe! (*Marçal sacode a cabeça negativamente.*) Vou contar até tres, se quando eu disser tres! não tiveres bebido, enterro-te este punhal! (*Marçal debate-se.*) Um!

MARÇAL.—Perdão!

TRABUCOS.—Dous!

MARÇAL.—Piedade!

TRABUCOS, *fazendo enterrar-se pouco o punhal.*—Tres!

MARÇAL.—Misericordia! (*Trabucos cravathe o punhal e Marçal cahe.*)

SCENA XI.

TRABUCOS E DEPOIS O VISCONDE DE LABRETONAIS,  
LUIZA E LABRADOR.

TRABUCOS.—Por minha honra! é necessario convir que escapei de boa! Ah! tudo assim vai de mal para peor nesta nossa época!... Os homens vão tornando-se uns tratantes!...

LABRETONAIS, *entrando*.—Luiza!... Oh!... meu Deus!... que horror!...

TRABUCOS, *retirando-se*.—Estão bebedos como odres e dormem como dous bemaventurados! Não os acordeis.

LUIZA, *sahindo do quarto com Labrador*.—Ah! visconde! salvai-me!... Meu pai!... Minha mãe!...

LABRETONAIS.—Teu pai e tua mãe estão mortos!...

LUIZA.—Mortos!... Ah! meu Deus!... Meu filho!...

LABRETONAIS.—Teu filho é vivo, Luiza! Tu acharás em mim um protector e um pai que velará por elle!

LUIZA.—Obrigada! obrigada!... Oh! eu vos agradeço, meu Deus!...

**Fim do segundo e ultimo acto.**

O AUTOR,